

A VARIAÇÃO NA FALA DE DILMA ROUSSEFF À LUZ DA TEORIA DE AUDIENCE DESIGN¹

THE STYLISTIC VARIATION IN DILMA ROUSSEFF'S SPEECH IN THE LIGHT OF THE AUDIENCE DESIGN THEORY

Alex Sandro Beckhauser²

Mestre em Linguística³

Universidade Estadual de Feira de Santana

(alexbeckhauser@gmail.com)

Amanda Maria de Oliveira⁴

Mestre em Linguística⁵

Universidade Federal de Santa Catarina⁶

(amandahmo@hotmail.com.br)

RESUMO: Fundamentado na teoria de *Audience Design*, de Alan Bell, e na estilística de Bakhtin, este trabalho tem o objetivo de analisar a variação estilística na fala da ex-presidente Dilma Rousseff – com foco nas formas de tratamento - durante o debate eleitoral do 1º turno das eleições de 2014, realizado pela Rede Globo. Para a obtenção dos dados, recorreremos a um vídeo postado no *Youtube* que serviu para a transcrição de alguns trechos da fala da então candidata Dilma Rousseff e dos demais presidentiáveis que exerceram o papel de destinatário. Os dados nos revelam que a ex-presidente, por um lado, acomodou sua fala a sua audiência mais próxima, principalmente com Aécio Neves, e evitava dirigi-la, por outro lado, aos demais destinatários por priorizar a audiência mais distante, neste caso os *overhearers*. Ademais, na ótica bakhtiniana, o estilo tanto de Dilma quanto de seus reais destinatários consistiu-se em razão do resultado da relação social, cujas condições se concretizam dentro de um contexto de interação responsiva causadora da escolha dos tratamentos.

Palavras-chave: Variação estilística. Audience design. Formas de tratamento.

ABSTRACT: Based on the Audience Design theory, by Allan Bell, as well as on Bakhtin's stylistics, this paper aims at analyzing the stylistic variation in the speech of former president Dilma Rousseff – focusing on forms of treatment – during the first round of the 2014 presidential debate, which was released by Rede Globo. The data were obtained through a video uploaded on Youtube, and this video provided the transcription of some excerpts of Dilma Rousseff's speech as well as the speeches of other candidates, who performed the role of addressees. The data reveal that the former president, on the one hand, accommodated her speech to the near audience, specially Aécio Neves, and avoided, on the other hand, to talk to the other addressees because she prioritized the further audience, in this case, the *overhearers*. In addition, in a Bakhtinian perspective, Dilma's style, as well as her real addressees', happened to be like this because of the result of social relations, whose conditions are materialized in a context of responsive interaction, and this determined the

1 Agradecemos a Carla Regina Martins Valle pela leitura e comentário na versão prévia ao envio deste texto. O teor e a forma do que consta neste trabalho é de inteira responsabilidade dos autores.

² Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8102-1828>.

⁴ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CNPq.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4542-4993>.

choice of the forms of treatment.

KEYWORDS: Stylistic Variation. Audience Design. Pronouns of treatment.

Introdução

Pesquisas sobre o discurso da ex-presidente Dilma Rousseff têm encontrado respaldo em algumas áreas do conhecimento sob múltiplos olhares (MENDONÇA e OGANDO, 2013; PIOVEZANI, 2013; VITALE, 2014; CASTRO, 2016). No entanto, observa-se uma inexistência de trabalhos relacionados à fala da ex-chefe de Estado sob a ótica da variação estilística.

Por outro lado, na época em que ela ocupava o posto de presidência da república, havia um grande volume de comentários negativos nas mídias, muitos deles preconceituosos, julgando seu “bom português” e desqualificando sua imagem por não obedecer, em algumas ocasiões, a variedade padrão/normativa da língua. As expressões de Dilma têm servido, inclusive, para estigmatizar sua imagem, além de satirizá-la como se ela dominasse um “idioma” que lhe é próprio (ver a obra de ARAUJO, 2015).

Desvinculado do preconceito linguístico, este trabalho busca entender a variação estilística da fala de Dilma, com foco nas formas de tratamento⁷, no último debate eleitoral do 1º Turno das eleições de 2014. A análise sobre a variação estilística se dará à luz da teoria de Bell (1984; 2001) sobre *Audience Design*, e retomaremos algumas considerações do Círculo de Bakhtin no que diz respeito à noção de estilo.

As perguntas que norteiam este trabalho são as seguintes: a audiência influenciou a troca de estilo de Dilma Rousseff? Todos os destinatários a influenciaram igualmente em sua troca de estilo? E a audiência mais distante pode afetar a troca de estilo? A partir desses questionamentos, hipotetizamos que a audiência influenciou a troca de estilo da ex-presidente, que nem todos os destinatários a influenciaram igualmente e que a audiência mais distante exerce um papel fundamental na troca de estilo.

⁷ É importante esclarecer que nos trechos de fala daremos destaque às formas de tratamento de segunda pessoa do singular (você, ocê, cê, o senhor, a senhora, teu, tua, seu e sua) e aos vocativos (candidato, candidata + os nomes próprios). Contudo, contabilizaremos apenas os pronomes de segunda pessoa.

A proposta de Bell sobre a Audiência e a de estilo em Bakhtin

Antes de nos debruçarmos sobre a proposta de Bell e Bakhtin, cabe esclarecer alguns pontos sobre a variação estilística. Rickford e Eckert (2001), no objetivo de apresentar o lugar da variação estilística nos estudos linguísticos, mencionam que este, no paradigma variacionista, tem sido considerado qualquer variação intra-falante não estando atribuível a fatores dentro do sistema linguístico.

Labov (2008 [1972]) esclarece que os linguistas sempre tiveram consciência dos problemas de variação estilística, mas era habitual deixá-la de lado, não porque era considerada menos importante, mas sim porque, na época, as ferramentas linguísticas eram inadequadas e insuficientes para lidar com tais variações.

O referido autor inicia a primeira onda da sociolinguística por meio do seu estudo clássico sobre estratificação social da cidade de Nova York (ECKERT, 2012) e é nessa onda que a variação estilística se ressignifica ao receber importância teórica e metodológica central.

Labov (2008 [1972], p. 313) deixa bem claro o que ele entende por variação estilística: são “as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala”. Neste mesmo trabalho, o autor esclarece também que:

A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer a ‘mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística (LABOV, 2008 [1972], p. 313).

Para ele, o estilo vincula-se ao grau de monitoramento da fala. A variação estilística, portanto, poderia refletir uma variação momentânea da língua em decorrência do monitoramento do falante conforme a posição social que ele ocupa, o destinatário, ou o tema abordado (SEVERO, 2009).

Por outro lado, Labov não nega a importância do interlocutor para explicar a variação estilística. Contudo, reconhece que os dados coletados em situação de entrevista incorrem em uma problemática que ele chamou de paradoxo do observador, ou seja, a fala de interesse das pessoas entrevistadas é aquela obtida quando as pessoas não são sistematicamente observadas, porém só podem ser obtidas por meio da observação sistemática via entrevista sociolinguística.

O destinatário, o interlocutor ou o entrevistado (considerando um contexto de

entrevista sociolinguística) ganha importância, principalmente, com os estudos de Giles (1973) e Giles e Powesland (1975) sobre a Teoria da Acomodação da Fala/Comunicação. A teoria da acomodação emergiu de uma crítica a alguns aspectos do modelo laboviano. A justificativa da atenção prestada à fala, proposta por Labov (1966), não dava conta de explicar o aspecto da formalidade e informalidade. Os estilos de fala de Labov (1966) poderiam ser reinterpretados como tendo sido mediados por acomodação interpessoal. Nas entrevistas de Labov (1966), a fala casual⁸ pode ter sido produzida não tanto pela informalidade do contexto, mas por causa do entrevistador. Ou seja, o entrevistado pode ter mudado seu estilo não por causa da atenção, mas por causa do entrevistador. A convergência, segundo os mesmos autores, tem sido definida como:

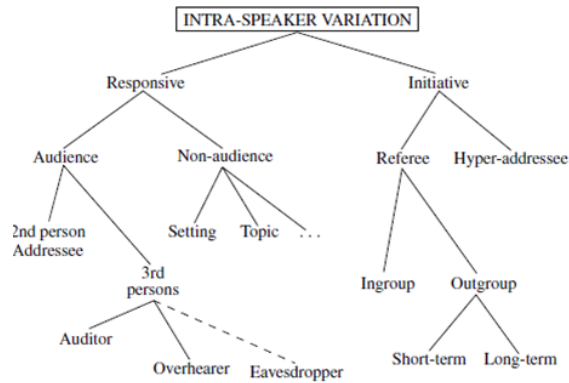
[...] uma estratégia pela qual os indivíduos se adaptam aos comportamentos comunicativos uns aos outros em termos de uma ampla variedade de características linguístico-prosódicas não verbais, incluindo o ritmo da fala, fenômeno pausal e duração da fala, variantes fonológicas e assim por diante (GILES; COUPLAND e COUPLAND, 1991, p. 7, tradução nossa⁹).

Os pressupostos levantados acima são apenas uma introdução à variação estilística e o papel do outro/interlocutor para a troca de estilo. Essa discussão cedeu espaço para que Bell, em 1984, apresentasse sua teoria de *Audience Design*. O autor a tem proposto como um quadro “elegantemente simples”. Tanto o falante quanto os demais membros da audiência encontram-se em uma posição hierárquica de papéis por eles configurados. Vejamos a figura abaixo elaborada por Bell.

⁸ Assumiremos neste trabalho que a fala casual diz respeito ao estilo menos monitorado, ou seja, quando o falante presta menos atenção à própria fala (LABOV, 2008 [1972]).

⁹ [...] a strategy whereby individuals adapt to each other's communicative behaviors in terms of a wide range of linguistic-prosodic-nonverbal features including speech rate, pausal phenomena and utterance length, phonological variants, smiling, gaze, and so on

Figura 1: Modelo de Audience Design



Fonte: Bell (1984, p. 162)

O esquema nos revela a posição dos membros da audiência, os quais exercem de modo assimétrico influência sobre a resposta do falante à sua audiência. O destinatário (*addressee*) ocupa a posição de segunda pessoa e é o principal membro da audiência. Há ainda as terceiras pessoas presentes, porém não são diretamente os destinatários. Os *auditors* são interlocutores conhecidos e ratificados. Os *overhearers* são falantes conhecidos, mas não são ratificados. E, por fim, há ainda os *eavesdroppers*¹⁰, cuja presença é desconhecida e tampouco são ratificados, mas sabe-se de sua existência. O critério de ratificação diz respeito à participação da audiência na interação, restringindo-se, neste caso, aos destinatários e auditors. Apesar dos *overhearers* serem conhecidos, sua presença não envolve interação com o falante.

Retomando a figura 1, Bell (1984) esclarece que o *addressee* está mais próximo do falante e os *eavesdroppers* estão mais distantes. Isso significa, segundo o autor, que “dada a hierarquia dos papéis e a sua saliência para o falante, pode-se esperar que o efeito de cada membro da audiência em um *design* de estilo do falante seja classificado de acordo com a distância do papel” (BELL, 1984, p. 160, tradução nossa¹¹).

¹⁰ Bell tece poucas considerações sobre os *eavesdroppers*, talvez por não afetarem a troca de estilo do falante. Apenas retoma um trabalho desenvolvido por Salomon (1978), que analisou uma entrevista do presidente norte-americano Jimmy Carter à revista Playboy. Na época, o então candidato fez declarações direcionadas ao público leitor da revista, os *auditors*, porém sua fala provocou repercussão negativa entre membros mais distantes da audiência, como grupos conservadores (*eavesdroppers*), os quais repudiaram a entrevista.

¹¹ Given the hierarchy of roles and of their salience for the speaker, we may expect that the effect of

É importante esclarecer outro ponto relevante levantado por Bell sobre a importância da distância dos membros da audiência no estilo do falante. O autor hipotetiza que há duas consequências dessa distância para a variação sociolinguística. A primeira é qualitativa e pode revelar variação linguística segundo os papéis da audiência, com exceção dos *eavesdroppers* - estes por não afetarem o estilo do falante.

A afirmação acima implica na troca de estilo dos membros da audiência que se encontram, como já afirmado, em uma posição hierárquica onde o mais próximo do falante pode ou não influenciar na variação do mais distante. Porém a variação do mais distante pressupõe que já tenha ocorrido variação nos membros mais próximos.

A segunda consequência é quantitativa e, segundo Bell, é mais rigorosa que a primeira. O papel que está mais distante do falante tende a ter um efeito menor na sua variação, ou seja, o peso exercido pelo *eavesdropper* na variação do falante é menor que o peso do *overhearer*, que por sua vez é menor que o do *auditor* e menor que o do *addressee*.

De um olhar mais amplo sobre os membros da audiência, passamos a analisar o papel dos destinatários na acomodação da fala, que pode ser face a face ou em situações públicas como a transmissão de notícias por rádio e TV. Bell (ibid: p. 170) afirma que há dois tipos de situações públicas que afetam as pressões para a convergência na fala: fala pública e instituições de contato público.

No que se refere à primeira, quanto maior for a audiência, maiores serão as pressões a ganharem aprovação. Isto é, há um grau de influência sobre a acomodação da fala em uma situação privada (por exemplo, numa interação face a face) e outro sobre a fala em uma situação pública em que o tamanho da audiência tende a pressionar o falante a obter maior aprovação. Sobre o segundo, instituições de serviço como bares, lojas, hotéis, etc. tendem a atrair um número amplo de pessoas sobre as quais, novamente, exercerão pressões para que haja uma marcada acomodação da fala em razão dos destinatários.

Vejam a situação de outro membro da audiência, que embora mais distante do falante, pode exercer um papel importante na troca de estilo dos membros

each audience member on a speaker style design is graded according to role distance.

superiores. Referimo-nos aos *overhearers*, que são ouvintes não ratificados, mas que o falante sabe de sua presença.

Bell (*ibid*: p. 176) explica que, do ponto de vista quantitativo, os *overhearers* podem se tornar mais indistinguíveis; mas do ponto de vista qualitativo, estes membros podem influenciar em escolhas linguísticas, como na seleção de pronomes de polidez, atos de fala e até mesmo na escolha da língua em contextos bilíngues. O papel que os *overhearers* desempenham nas mídias pode trazer importantes contribuições para nosso trabalho, a fim de verificar se a troca de estilo da ex-presidente Dilma, durante o debate eleitoral aqui analisado, é afetado unicamente pelos destinatários ou também pelos *overhearers*. Após a discussão de alguns conceitos trazidos por Bell (1984; 2001), trazemos de forma breve algumas considerações da concepção dialógica da linguagem com base em Bakhtin (1992).

O interlocutor em Bakhtin e a questão do estilo

Em diálogo com o que Bell (1984; 2001) discute acerca do papel exercido pela audiência na troca de estilos, retomamos brevemente as considerações de Bakhtin (1992) no que diz respeito à importância do papel do interlocutor na interação social, uma vez que a participação ativa do outro na construção do enunciado e nas marcas de estilo são pontos convergentes em ambas as abordagens teóricas. Ademais, trazemos de forma breve a discussão de Bakhtin (1992) no que diz respeito ao conceito de estilo.

Segundo Bakhtin (1992), a comunicação verbal só é possível na relação com o outro, isto é, na interação ativamente responsiva entre sujeitos diferentes. O autor explica que nunca participamos de forma passiva na comunicação discursiva, uma vez que sempre respondemos ao outro, levamos em conta sua presença e a relação que estabelecemos com ele, assim como o papel que ele exerce no contexto. Enquanto considera que não há palavra viva que não esteja prenhe de resposta, a questão da responsividade é discutida por Bakhtin (1992) como as diferentes possibilidades de concretização dessa atitude responsiva.

Considerando a importância do interlocutor na comunicação discursiva e o fato de sempre respondermos à palavra do outro, entendemos, conforme Bakhtin

(1992), que o estilo¹² do enunciado não depende unicamente da vontade do falante, nem é um fenômeno passivo: na verdade, o estilo do enunciado responde às condições de enunciação, conforme discutido, assim como às intenções do próprio falante.

Para Bakhtin (1992), o estilo consiste no resultado da relação social e se orienta a partir da relação do sujeito que enuncia e o seu possível interlocutor. A partir das diversas condições que constituem esse contexto de interação é que são feitas as escolhas lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado.

Ao fazermos um paralelo entre as considerações de Bakhtin (1992) e as discussões de Bell, entendemos que este propõe diversas classificações para o possível interlocutor considerando a sua proximidade e influência da troca de estilos, enquanto o primeiro entende a participação dos interlocutores sem subdividi-los em diferentes agrupamentos. Apesar de algumas diferenças conceituais entre ambas as abordagens teóricas, elas convergem para o fato de que as relações entre os interlocutores não são simétricas, já que o papel exercido pelos participantes, o grau de intimidade estabelecido entre eles, assim como a possível hierarquia que pode haver entre esses sujeitos são fatores decisivos para a compreensão de que o estilo é produto das relações sociais e assim deve ser compreendido.

Metodologia e análise

Conforme especificado anteriormente, o trabalho tem como objetivo analisar as formas de tratamento usadas por Dilma Rousseff à luz da abordagem *Audience Design*, proposta por Bell, para que possamos entender como os membros da audiência podem influenciar na troca de estilo. Ademais, as considerações de Bakhtin (1992) no que diz respeito à importância do interlocutor se mostram relevantes, já que os demais participantes da interação influenciam sobremaneira no estilo do sujeito que enuncia. Dessa maneira, recorreremos a um debate eleitoral realizado antes do 1º turno das eleições de 2014, preparado pela Rede Globo e disponibilizado no *Youtube*.

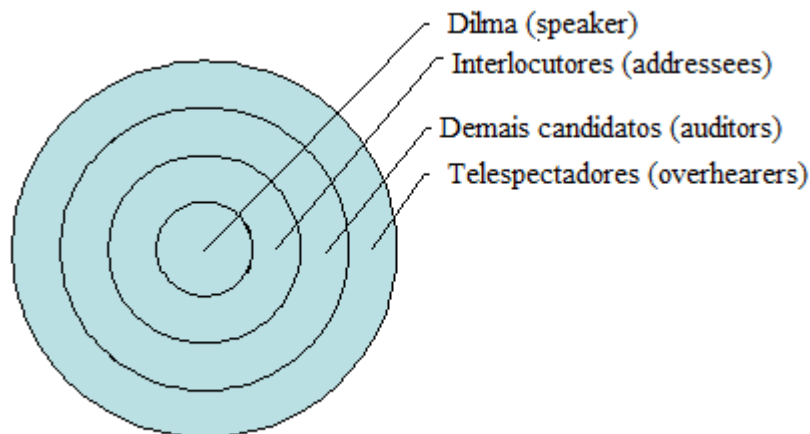
O debate eleitoral do 1º turno foi escolhido por ser o último realizado antes das eleições de 5 de outubro do referido ano e por atrair um número maior de

¹² Bakhtin explica que o estilo é uma das instâncias constitutivas que atribuem a relativa estabilidade dos enunciados, juntamente com o conteúdo temático e a forma composicional.

telespectadores, haja vista que a Rede Globo é líder de audiência no horário nobre da televisão brasileira. O debate se divide em quatro blocos e em todos eles há uma ordem de sorteio para a formulação das perguntas, porém o candidato escolhe a quem quer perguntar. No primeiro e terceiro blocos, os temas são livres; no segundo e quarto blocos, os temas ocorrem por sorteio.

A audiência deste debate se constitui da seguinte maneira:

Figura 2: Configuração da audiência durante o debate eleitoral



Fonte: Autores

A figura anterior é uma representação dos membros da audiência do primeiro debate eleitoral. Como podemos observar, a candidata do Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff, foco do nosso trabalho, se configura como o falante (*speaker*), pois é em torno dela que gira a discussão, cujos destinatários (*addressees*) são os que estão interagindo com ela durante a rodada de perguntas, ou seja, os que, em determinado momento, colocam-se como interlocutores de Dilma e dialogam diretamente com ela. Os demais candidatos, que não participam da rodada de perguntas e não se dirigem diretamente a Dilma, configuram-se, por consequência, como *auditors*, pois, em um dado momento, não participam da discussão e ficam em segundo plano, embora ocupem o mesmo patamar.

Como exemplo, apresentamos uma possibilidade de classificação: nos exemplos 1 e 2, analisamos a rodada de perguntas na qual participam apenas as candidatas Dilma Rousseff e Luciana Genro (PSOL), sendo que os demais apenas observam. Nesta situação, a classificação dos participantes seria organizada da

seguinte maneira: Dilma Rousseff se configura como falante (*speaker*), Luciana Genro, como destinatária (*addressee*), pois está interagindo diretamente com Dilma. Os demais candidatos, isto é, Aécio Neves (PSDB), Marina Silva (PSB), e Eduardo Jorge (PV), configuram-se, na situação em questão, como *auditors*, pois acompanham o debate, e estão no mesmo patamar dos demais, porém não participam ativamente da rodada de perguntas.

Se analisarmos as condições nas quais o debate eleitoral ocorreu, podemos observar que há peculiaridades referentes à relação de Dilma com os demais candidatos, isto é, nem todos se encontravam em uma relação simétrica¹³ em cada rodada de perguntas. Enquanto Dilma sempre ocupava o primeiro lugar nas intenções de voto e era objeto da maioria das notícias e reportagens à época das eleições (e por essa razão foi classificada como *speaker*), os demais não alcançavam tanto destaque, o que a colocava como principal “alvo” de todas as discussões. Frente a isso, Dilma se tornava a principal interlocutora das perguntas dos demais candidatos, o que pode ser ratificado pela discussão de Bakhtin (1992) no que se refere ao papel do outro na interação. Embora todos fossem candidatos legítimos e estabelecessem uma relação igualitária, as condições políticas do país faziam com que Dilma ganhasse destaque e ocupasse uma posição proeminente em relação aos demais. Quanto aos demais presidenciais, sua configuração muda a depender da sua participação no debate: se interlocutor de Dilma, configura-se como *addressee*; caso contrário, como **auditor**.

Os *overhearers*, por sua vez, são os participantes da plateia, ou seja, os que acompanham o debate presencialmente, porém não são participantes da interação e tampouco destinatários. Dilma tem consciência de que os *overhearers* configuram a estrutura do debate, de forma que não podem ser ignorados por serem eleitores em potencial. Aqui também estão incluídos os demais sujeitos presentes fisicamente no contexto, como o mediador do debate, os câmeras e a equipe de TV de forma geral, os quais também não são destinatários mas estão presentes. Os telespectadores que acompanham o debate de suas residências e que são eleitores em potencial também

¹³ Bell (2001) explica que podem haver relações simétricas e assimétricas entre os participantes da interação. As relações simétricas são as que não apresentam distinções hierárquicas entre os participantes, enquanto que as assimétricas são marcadas por essa distinção entre os participantes.

são considerados *overhearers*, pois, mesmo não estando presentes no debate, são levados em conta pelos presidenciáveis durante as discussões.

A seguir, encontraremos trechos da fala de Dilma com seus adversários e revelaremos a distribuição das formas de tratamento por eles utilizadas. Conforme mencionado, levantaremos apenas alguns dados e não todas as ocorrências dos pronomes de tratamento dada a limitação deste trabalho, excluindo-se na contagem das ocorrências os demais casos possíveis, como o uso do vocativo e pronomes possessivos.

Dilma e Luciana abrem e fecham o debate eleitoral do primeiro turno. No primeiro momento, tanto Dilma quanto Luciana não usam pronomes de tratamento de segunda pessoa. À diferença de Dilma, que não usa nenhum dos pronomes do caso obliquo, Luciana se dirige duas vezes com o complemento “te”. Ao final de todas as rodadas de perguntas, Luciana usa uma única vez o tratamento “a senhora”, conforme as ocorrências a seguir:

Ex.1: Luciana: “Eu queria te perguntar, **Dilma**, do escândalo da Petrobrás. É resultado das alianças da direita que vocês fizeram?”

Ex.2: Luciana: “o que a **senhora** pensa sobre isso?” (a pergunta foi sobre taxaço dos bancos).

Luciana Genro não tem demonstrado ao longo de toda a campanha eleitoral uma ameaça à reeleição de Dilma Rousseff. Embora Luciana faça algumas afirmações relacionadas, por exemplo, à aliança com a direita e à corrupção no PT, Dilma não demonstra nenhum incômodo, preferindo dirigir-se aos *overhearers* (plateia e telespectadores) para explicar o que tem realizado no combate às acusações que lhe foram feitas.

Observando o exemplo 1, percebemos que essa relação estabelecida entre Luciana Genro e Dilma Rousseff consiste em uma das várias possibilidades de acomodação ao *addressee*. Luciana Genro não constitui uma ameaça à reeleição de Dilma, o que faz com que esta atribua mais importância aos *overhearers* do que a sua oponente. Por causa dessas condições, a construção da resposta de Dilma às acusações leva em conta os eleitores potenciais (*overhearers*) e não diretamente Luciana (*addressee*).

Algo similar acontece quando Dilma e Eduardo Jorge (neste momento, o

addressee) se encontram para a rodada de perguntas. Ambos os candidatos se enfrentam três vezes. No primeiro encontro, Dilma formula a pergunta e usa mais o pronome “o senhor” que nos encontros segundo e terceiro. É interessante destacar que, na segunda vez, Dilma utiliza boa parte de seu tempo para defender-se de afirmações feitas anteriormente por outro candidato, fazendo com que sua fala fosse dirigida aos *overhearers* (embora, indiretamente, estivesse dirigindo-se também a um dos *auditors*), conforme os exemplos a seguir:

Ex.3: Dilma: “**Candidato Eduardo Jorge**, eu acredito que nós temos um programa muito importante, que é o Pronatec. [...]. Eu sei que o **senhor** sabe que houve uma lei que proibia o Governo Federal de investir em escolas técnicas. Eu gostaria que o **senhor** pudesse me dizer o que o **senhor** considera importante nessa [...]”.

Ex.4: Eduardo: “... o Partido Verde [...], definiu três áreas como prioritárias, como daquelas vinte metas do Plano Nacional da Educação, que a **senhora** conhece bem...”.

Ex.5: Dilma: “Eu concordo com o **senhor, candidato**, que é muito importante...”.

Segundo encontro entre Dilma e Eduardo Jorge:

Ex.6: Eduardo: “a **senhora** sendo uma presidente mulher não se sente triste ou indignada que isso aconteça por causa do **seu** governo, [...]?”

Ex.7: Eduardo: “A **senhora** podia considerar a proposta do PV [...]”
“Quanto à questão das mulheres, **presidenta Dilma**, eu acho que se a **senhora** pensar bem, talvez se a **senhora** conseguir o outro mandato, eu gostaria que a **senhora** reconsiderasse e adotasse, ou pelo menos apoiasse a posição do PV...”

Terceiro encontro entre Dilma e Eduardo Jorge:

Ex.8: Eduardo: [...]. No entanto, **presidente Dilma**, a lei do saneamento já foi adiada em 2010 [...].

Ex.9: Dilma: Olha, **Eduardo**, eu acredito que é muito importante o saneamento para a saúde pública, [...] e, para **você** ter uma ideia, nesse período todo, nós conseguimos dobrar, mais que dobrar a oferta de saneamento básico, esgoto...

Observa-se que Dilma parece não ter se demonstrado afetada pela fala de Eduardo e manteve um tratamento formal, ainda que tenha usado uma única vez o pronome “você” (na terceira vez em que eles se encontraram). Podemos ver, inclusive,

que ao direcionar sua fala como “candidato Eduardo Jorge”, Dilma optou pela formalidade usando “o senhor” ao invés de “você”. No entanto, ao se dirigir com o vocativo “Eduardo”, a candidata troca sua forma de tratamento para “você”.

Assim como Luciana Genro, o candidato Eduardo Jorge não representa uma ameaça à reeleição de Dilma, segundo as pesquisas eleitorais realizadas durante o período de campanha presidencial. Dilma, constantemente, dividia seu olhar para as câmeras e para seu oponente. Por outro lado, o candidato do PV focou sua atenção apenas em Dilma, mantendo sempre o uso do termo “a senhora”.

Semelhantemente ao debate entre Dilma e Luciana Genro, aqui o principal interlocutor considerado por Dilma não consiste no *addressee*, isto é, Eduardo Jorge, e sim nos *overhearers*, ou seja, os eleitores potenciais que acompanhavam o debate. Bell (1984) explica que o falante sempre acomoda sua fala de formas distintas quando em contato com diferentes *addressees*. Enquanto Eduardo Jorge utiliza pronomes de tratamento mais formais ao se dirigir à Dilma (a qual ele considera como *addressee*, possivelmente por ser uma importante rival nas eleições), ela constrói suas respostas levando em conta primeiramente os *overhearers*, e não o interlocutor imediato.

O terceiro momento é entre Dilma e Marina. Ambas as candidatas se encontraram duas vezes durante o debate:

Ex.10: Marina: “**Candidata Dilma**, a **senhora** tem feito uma série de acusações em relação à autonomia do Banco Central, que, aliás, a **senhora** defendeu em 2010 [...]. Agora, **você** diz que é contra também à autonomia do Banco Central...”

Ex.11: Dilma: “**Candidata**, acho que **você**, deliberadamente, está confundindo autonomia e independência. [...]” “Eu sugiro que a **senhora** leia o que escreveram no seu programa, porque a **senhora** está, ou deliberadamente tentando confundir autonomia com independência. [...]”

Ex.12: Dilma: “Informo à candidata que a inflação tá sob controle. Agora, acho importante ela ler o que escreveu no programa. Até porque, eu não tenho responsabilidade quanto ao que ela escreveu. Agora, a minha inexperiência política é interessante vindo de uma pessoa que defende a nova política. Quer dizer, **candidata**, que quem não fez a carreira vereadora, deputada, senadora, ela não pode ser presidenta? [...]”

Vejamos alguns trechos do segundo encontro entre as duas candidatas antes de prosseguirmos com a análise. Novamente, a pergunta é formulada por Marina Silva:

Ex.13: Marina: “**Candidata Dilma**, uma coisa importante é apresentar um Programa de Governo. Eu apresentei um Programa de Governo, mas infelizmente **você** não apresentou, Aécio também não apresentou. Nas eleições passadas **você** assumiu vários compromissos: diminuir os juros, fazer o país continuar crescendo, combater a corrupção, e nada do que **você** se comprometeu está sendo cumprido. Por que **você** não conseguiu viabilizar **seus** compromissos, **Dilma?**”.

Ex.14: Dilma: “...hoje o Brasil pratica a menor taxa de juros de toda sua história, **Marina...**” “Agora, **Marina**, sabe uma coisa que eu acho interessante? [...]”

Ex. 15: Marina: “**Dilma**, **você** não cumpriu seus compromissos de campanha...” “Existe uma Lei no Congresso Nacional que faz o combate à corrupção das empresas corruptoras. E **você** tem o projeto de regulamentação na **sua** gaveta e até hoje **você** não regulamentou. **Você** diz que foi o próprio diretor da Petrobras que disse que ia sair porque tinha recebido um recado...”

Ex. 16: Dilma: “**Marina**, vamos colocar as coisas e os pingos nos is. O **seu** diretor, nomeado por **você**, [...], foi afastado no meu Governo por crime de desvio de recursos. E eu não saí por aí, **Marina**, dizendo que **você** era conhecida corrupção [...]”.

Nas duas situações, há trocas de acusações, principalmente envolvendo o tema da corrupção. Dilma tem se demonstrado consternada com as afirmações apresentadas por Marina e tem dirigido sua fala, na maioria das respostas, a sua oponente. Contudo, Dilma, em sua resposta, se dirige às câmeras (como se estivesse falando para os *overhearers*) rebatendo as acusações usando terceira pessoa, conforme grifado no exemplo 12.

Diferentemente do que podemos observar no primeiro encontro, ambas as candidatas trocam de pronomes, passando de um maior uso de “senhora” ou “candidata” para “você”. À medida que Marina preferia não usar as formas de tratamento mais formais, como ocorreu no bloco anterior, Dilma também preferia usar de uma “informalidade”. As trocas de acusações referentes ao tema corrupção parecem ter provocado a troca de estilo e, à medida que a destinatária de Dilma trocava o estilo, a falante também o fazia. Observamos, dessa maneira, uma situação de acomodação da fala de Dilma em relação ao seu destinatário.

O último candidato ao qual faremos menção em relação ao debate eleitoral do primeiro turno aqui analisado é Aécio Neves. Segundo pesquisas realizadas às vésperas das eleições de 2014, Aécio aparece como principal oponente de Dilma

Rousseff ao cargo da Presidência da República.

Ambos se encontraram quatro vezes ao longo do debate. Este número superior aos demais presidenciais se deve em razão das vezes em que os referidos oponentes podiam ter a chance de escolher um ao outro para fazer a pergunta. Foram quatro as oportunidades de escolha entre eles, sendo que em três delas Dilma o escolheu, logo Aécio teve mais oportunidade de resposta, haja vista que quem responde tem direito à tréplica.

Ex.17: Dilma: “**Candidato Aécio**, o Brasil passou décadas sem investir em habitação popular. [...]. Hoje tem mais de 3,6 milhões de moradias entre entregues e contratada: metade entregue, metade contratada. O que o **senhor** acha desse programa?”

Ex.18: Aécio: “Olha, **candidata Dilma**, na vasta experiência que a vida me deu privilégio de ter, de que os bons projetos devem ser aprimorados e reconhecidos”...“O Pronatec, não sei se a **senhora** sabe, a inspiração do Pronatec é um programa que se iniciou em Minas Gerais...” “A administração pública, **Dilma**, é isso. É **você** copiar as boas ideias, aprimorá-las, reinventá-las, mas com generosidade”.

Ex.19: Dilma: “Interessante, **Aécio**, um programa de 14 milhões de famílias não tem nada a ver com um programa que era extremamente fatiado [...]. O Minha Casa Minha Vida, ele é centrado, talvez **cê** não conheça, talvez seja difícil **pr’ocê** dá continuidade a ele, porque **cê** não conhece. [...]. Se **você** tivesse conhecimento disso, **você** também não diria que **você** vai fazer um programa, [...]”.

Ex.20: Aécio: “**Dilma**, quem não conhece **seu** programa, então, me desculpe, mas é **você**, porque o déficit habitacional [...]”.

O início do debate entre Dilma e Aécio é marcado pela formalidade no uso das formas “candidato” e “senhor”. Aécio, *a priori*, mantém o estilo formal, mas ao final troca “candidata” por “Dilma” e “senhora” por “você”. As afirmações de Aécio provocam uma mudança no tom de voz de Dilma Rousseff, do que podemos inferir que ela se sente incomodada e assim, diferentemente do que vinha acontecendo, dirige sua fala unicamente para seu oponente (*addressee*) em vez dos *overhearers*. Dilma, então, troca também seu estilo, optando por “Aécio” em vez de “candidato” e passa a usar as variantes “cê” e “ocê”. Podemos afirmar, com base nos pressupostos de Giles, Coupland e Coupland (1991), que houve uma convergência do falante por adaptar seu comportamento comunicativo em relação ao seu destinatário: quando ele prefere um tratamento formal, ela também o prefere; quando ele troca de estilo para menos

informal, ela também o faz.

Destacamos que em nenhum momento anterior, Dilma havia trocado o estilo para uma forma de tratamento considerada “informal”. O encontro com Aécio provocou uma troca de estilo que iniciou com “senhor” e terminou com “cê” e “ocê”. As trocas de estilo visíveis no debate entre Dilma e Aécio ratificam as considerações de Bell (1984; 2001) no que diz respeito à acomodação do estilo considerando diferentes interlocutores potenciais e as relações que estabelecemos com eles. Enquanto nos outros debates Dilma geralmente se dirigia às câmeras e não apresentava muitas trocas de estilo, no último caso analisado percebemos que o seu interlocutor imediato (Aécio Neves, o *addressee*) é levado em conta pela candidata, de modo que há constantes trocas de estilo como respostas às variações do oponente, principal rival nas eleições, e acomodação aos seus dizeres.

Mesmo sabendo que Aécio Neves foi quem mais se encontrou com seu falante, percebe-se uma diferença significativa nos números em relação aos demais destinatários. Outra particularidade está no uso dos pronomes “cê” e “ocê” de Dilma para Aécio. Podemos afirmar, como base em Bell (1984, p. 161), que a qualidade do estilo e a quantidade das formas variáveis se justificam, principalmente, em razão do destinatário. Aécio Neves é, sem dúvidas, o destinatário que mais influência exerceu sobre a troca de estilo de Dilma Rousseff.

Sobre os demais destinatários, podemos entender que Dilma Rousseff tem evitado o uso dos pronomes de tratamento mencionados anteriormente pelo fato, como comentado, de projetar sua fala levando em consideração os *eleitores em potencial*. Levar em consideração estes membros da audiência é trocar de estilo, evitando, muitas vezes, críticas diretas ao destinatário, optando por dirigi-las ao partido ao qual ele ou ela pertence. Além do mais, Dilma, em diversas vezes, busca esclarecer as políticas implantadas pelo Partido dos Trabalhadores nas áreas social, educacional, econômica e de combate à corrupção.

É notória também a assimetria de Marina para Dilma, pois aquela prefere usar o pronome “você”, evitando formas como “a senhora” e “presidenta”. Interessante destacar também que tanto Marina quanto Luciana evitam tratamento formal ao seu interlocutor. Talvez o gênero esteja jogando um papel importante nessa relação entre as candidatas, porém não focaremos nossa análise nessa questão, a qual foge do escopo deste trabalho.

Abaixo, apresentamos duas tabelas com os pronomes de tratamento de segunda pessoa usados pelos candidatos durante todo o debate eleitoral. A primeira diz respeito ao número de vezes em que Dilma (falante) usou os pronomes para se dirigir aos seus destinatários. A segunda refere-se ao número de vezes em que os destinatários usaram os pronomes direcionados ao falante.

Tabela 1: Pronomes de tratamento de Dilma Rousseff a seus destinatários¹⁴

Dilma Rousseff			
Destinatários	o/a senhor(a)	você	cê/ocê
Aécio Neves	16	2	3
Marina Silva	2	2	0
Eduardo Jorge	3	1	0
Luciana Genro	0	0	0

Fonte: Autores

Tabela 2: Pronomes de tratamento dos destinatários a Dilma Rousseff

Dilma Rousseff			
Destinatários	a senhora	Você	cê/ocê
Aécio Neves	14	1	0
Marina Silva	2	9	0
Eduardo Jorge	7	0	0
Luciana Genro	1	0	0

Fonte: Autores

Após o desenvolvimento da análise qualitativa do objeto definido, assim como a definição da frequência de uso de cada pronome empregado pelos candidatos, passamos para as considerações finais do presente trabalho.

Considerações finais

Para este trabalho, nos propomos a entender a variação estilística na fala da

¹⁴ Para a quantificação da frequência de uso dos pronomes de tratamento, desconsideramos outras ocorrências como uso de vocativos, complementos e demais casos, de modo que optamos por quantificar apenas os usos de pronome na segunda pessoa do singular.

ex-presidente da república Dilma Rousseff, em situação de debate eleitoral. Para tanto, optamos pelo estudo do uso das formas de tratamento, mais especificamente dos pronomes de segunda pessoa usados por Dilma - em contraponto aos usos de seus interlocutores.

As análises mostraram que são dois os membros da audiência atuantes nessa variação presente na fala da ex-presidente: o *addressee* e os *overhearers*. Acerca do primeiro fator considerado, há diversas relações estabelecidas entre Dilma e os diferentes interlocutores que participam desse contexto de debate eleitoral. Apesar de todos exercerem os mesmos papéis naquele contexto, enquanto candidatos, em cada rodada de perguntas, o interlocutor de Dilma se sobressaía em relação aos demais, configurando-se como *addressee*, papel que se ressignificava à medida que outro presidenciável passava a participar das rodadas. Dilma projetava sua fala aos *overhearers*, ora ao *addressee*, dirigindo-se aos primeiros quando o adversário não se colocava como uma ameaça à sua reeleição, e ao segundo quando este se colocava de forma mais provocativa ou teve maior destaque juntamente com ela, como Aécio Neves.

Assim, nossa análise da variação nas formas de tratamento na fala de Dilma ratifica a importância dada por Bell (1984; 2001) à audiência, bem como o papel essencial do interlocutor na interação, conforme discute Bakhtin (1992). A variação no *audience design* tem como consequência a variação de estilo nos pronomes usados pela candidata, conforme exposto na tabela 1.

Em segundo lugar, o tópico tratado durante o debate também pode ter influenciado na troca de estilo. Considerando a assimetria estabelecida entre os candidatos e citada anteriormente, os demais participantes constantemente tocavam em assuntos delicados quando se dirigiam à Dilma, possivelmente com a intenção de gerar desconforto e insegurança. Diante disso, além da audiência, o tópico tratado parece ter se mostrado um fator importante na variação dos pronomes de tratamento, já que desvia a atenção dos sujeitos e possibilita que a emoção do participante influencie seu discurso.

Em contraponto, percebemos que os interlocutores de Dilma variam no que diz respeito à formalidade no uso dos pronomes de tratamento (conferir tabela 2). Aécio Neves usa o termo “senhora” 14 vezes, enquanto que “você”, apenas uma. Eduardo Jorge e Luciana Genro apenas utilizam o termo “senhora” ao se dirigirem à

candidata Dilma (7 e 1 vezes, respectivamente). Contrariamente, Marina Silva usa “senhora” apenas 2 vezes e “você”, 9. A partir da análise dos dados acima expostos, entendemos que os interlocutores de Dilma também apresentam variação no que diz respeito ao uso dos pronomes de tratamento, possivelmente em resposta às mudanças de tema discutidos entre eles; quando o tema tratado era mais delicado e causava exaltação na fala, os candidatos (especialmente Marina Silva) passavam para um uso mais informal, por outro lado, quando havia intenção de “alfinetar” o outro candidato ou tratar de assuntos não tão polêmicos, o uso dos pronomes de tratamento ficou mais restrito ao termo “senhora”. Esse último caso pode ser notado nas falas de Aécio, Luciana e Eduardo Jorge.

Entendemos que este artigo é relevante na medida em que contribui para a ampliação das discussões no campo da Sociolinguística, de modo que, ao analisarmos diferentes situações de interação, propomos possibilidades de se repensar a relação estabelecida entre os interlocutores, níveis hierárquicos e configurações, seus lugares mudam à medida que as condições sociais também variam e como isso afeta diretamente a sua fala e a configuração da situação como um todo. Ao mesmo tempo, este estudo propõe o importante diálogo deste campo com autores situados em outras áreas de estudo, como Bakhtin.

Ademais, ressaltamos a importância deste trabalho para a discussão em torno do combate ao preconceito linguístico na medida em que demonstramos que a variação no uso de pronomes e formas de tratamento não é aleatória. Há fatores que influenciam na variação da fala dos participantes analisados neste trabalho, como a importância do interlocutor para o falante e o tema tratado (dentre vários outros, mas que não fizeram parte do escopo deste artigo), de modo que a situação como um todo atua diretamente nas formas utilizadas pelo falante. Entender que a variação segue uma regularidade é o principal caminho para se ressignificar a perspectiva de “certo” e “errado”, isto é, de preconceito linguístico.\

Para finalizar, não temos a intenção de esgotar as possibilidades de análise de variações de pronome de tratamento na fala da ex-presidente Dilma, pois este trabalho representa um recorte necessário feito com base nos objetivos do estudo e que possibilitou lançarmos um olhar particular ao fenômeno estudado. Ademais, entendemos que atual a conjuntura política demonstra ser um campo fértil de análise da variação estilística de atores políticos, que poderá ser explorada em futuros

trabalhos.

Referências

ARAUJO, C. A. **Dilmês: o idioma da mulher sapiens**. Record, 2015. 214 p.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 421 p.

BELL, A. Language style as audience design. **Language in Society**. v.13, n. 2, p. 145-201, 1984.

_____. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. **Style and sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2001, p. 139-169.

CASTRO, F. F. de. Le discours politique de Dilma Rousseff et les fantome de Lula: etude sur L'intersubjectivite dans la politique. **Ling. (dis)curso** v.16, n. 2, p. 245-260, 2016.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, 2012.

GILES, H. Accent mobility: A model and some data. **Anthropological Linguistics**, n. 15, v. 2, p. 87-105, 1973.

GILES, H.; POWESLAND, P. F. **Speech style and social evaluation**. London, UK: Academic Press, 1975, 2018 p.

GILES, H. COUPLAND, J.; COUPLAND, N. Accommodation Theory: communication, context, and consequence. In: _____: **Contexts of accommodation**. University of California, 1991, p. 1-68.

LABOV, W. **The social stratification of English in the New York City**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, M. M. P. Scherre e C.R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. 389 p.

MENDONÇA, R. F.; OGANDO, A. C. Discurso sobre o feminino: um mapeamento dos programas eleitorais de Dilma Rousseff. **RBCS**, v. 28 n. 83, p. 195-243, 2013.

PIOVEZANI, C. A voz no feminino: uma análise discursiva de elementos prosódicos num pronunciamento eleitoral de Dilma Rousseff. **Fragmentum**. n. 36, p. 15-23, 2013.

RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. Introduction. In: _____. **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge University Press, 2001, p. 1-18.

SEVERO, C. G. O estudo da linguagem em seu contexto social: um diálogo entre Bakhtin e Labov. **Revista Delta**, v25, n. 2, p. 267-286, 2009.

VITALE, M. A. Êthos femenino en los discursos de asunción de las primeras mujeres presidentes de América del Sur: Michelle Bachelet, Cristina Fernández de Kirchner y Dilma Rousseff. **Anclajes**, XVIII, p. 61-82, 2014.

Recebido em 09 de março de 2020
Aprovado em 30 de abril de 2020

